

**Moçambique, Goa, Salvador:
As paisagens no diário de viagem de Francesco Ramponi**

*Mozambique, Goa, Salvador:
los paisajes en el diario de viaje de Francesco Ramponi*

E1_01 - Paisagens globais e transfronteiriças: histórias conectadas

Allan Pedro dos Santos Silva
Universidade de São Paulo, Brasil
allanpedro@usp.br

Resumo: Dentre os inúmeros registros da presença lusitana no mundo, a literatura de viagem configura-se como um recurso valioso para refletir sobre o Império Português em seu processo de mundialização. Enquadrado neste gênero textual, o *Racconto del Viaggio dell'Indie Orientali e Occidentali*, do artista florentino Placido Francesco Ramponi, é um bom exemplo: a obra narra as experiências do autor em uma viagem comissionada por Cosimo III, Grão-Duque da Toscana, ao final do século XVII, na qual o artista percorreu e registrou territórios lusitanos nas quatro partes do mundo — com as limitações e potencialidades de fazê-lo dotado de um olhar estrangeiro. Apoiado no método da Arqueologia da Paisagem e tomando o relato de Ramponi como material fundamental, o presente trabalho analisa a relação entre paisagem e mundialização a partir do itinerário do artista por Moçambique, Goa e Salvador, evidenciando o potencial da literatura de viagem em revelar paisagens plurais, complexas e em intenso movimento — seja pela diversidade temática característica do gênero, seja pela condição itinerante de seus autores.

Palavras-chave: Histórias conectadas; Arqueologia da paisagem; Paisagens coloniais; Império Português; Literatura de viagem.

Resumen: Entre los innumerables registros de la presencia lusitana en el mundo, la literatura de viajes se configura como un recurso valioso para reflexionar sobre el Imperio Portugués en su proceso de mundialización. Inscrito en este género textual, el *Racconto del Viaggio dell'Indie Orientali e Occidentali*, del artista florentino Placido Francesco Ramponi, constituye un buen ejemplo: la obra narra las experiencias del autor en un viaje encargado por Cosimo III, gran duque de Toscana, a finales del siglo XVII, en el cual el artista recorrió y registró territorios lusitanos en las cuatro partes del mundo — con las limitaciones y potencialidades propias de una mirada extranjera. Apoyado en el método de la Arqueología del Paisaje y tomando el relato de Ramponi como material fundamental, el presente trabajo analiza la relación entre paisaje y mundialización a partir del itinerario del artista por Mozambique, Goa y Salvador, poniendo de relieve el potencial de la literatura de viajes para revelar paisajes plurales, complejos y en intenso movimiento, ya sea por la diversidad temática característica del género, ya sea por la condición itinerante de sus autores.

Palabras-clave: Historias conectadas; Arqueología del paisaje; Paisajes coloniales; Imperio Portugués; Literatura de viajes.

Apoiada no método da Arqueologia da Paisagem (Bueno et al., 2021), a dissertação intitulada *Entre Goa e Salvador: a trama das paisagens na mundialização*¹ dedicou-se a analisar as duas capitais ultramarinas portuguesas no longo século XVI, Goa e Salvador, enquanto paisagens integradas ao processo de mundialização. Em se tratando de dois objetos complexos, cujo estatuto favoreceu uma produção extensa de documentos que chegaram até nós, a circulação pelos arquivos e bibliotecas mostrou-se tarefa tão extensa quanto intensa, revelando documentos de variadas naturezas e cuja genealogia parecia sempre descortinar mundos inteiros. Dentre estes registros, destacamos aqui uma fonte que nos foi muito cara e que nos parece possuir uma história própria tão peculiar quanto interessante.

Trata-se do *Racconto del Viaggio dell'Indie Orientali e Occidentali*, de Placido Francesco Ramponi, obra que narra — em texto e em imagens — as experiências de um artista italiano em uma viagem comissionada por Cosimo III de Médici, Grão-Duque da Toscana. Com origem em Florença e destino a Goa, capital do Estado da Índia Portuguesa, o itinerário tomou curso no final do século XVII e permitiu ao autor percorrer e registrar territórios lusitanos nas quatro partes do mundo: Lisboa, Moçambique, Goa, Salvador. O objetivo central dessa viagem seria a ereção, em Goa, de um mausoléu oferecido pelo grão-duque para receber o corpo de São Francisco Xavier, de quem Cosimo III seria devoto.

No curso da viagem, Ramponi produziu este minucioso diário, cujo objetivo, segundo o historiador da arte Carlos de Azevedo, seria de prestar contas do trabalho realizado pelo artista ao Grão-Duque:

É certo que o autor não se demora em considerações sobre a obra que motivara a sua viagem — refere-se-lhe no princípio do Diário e quando inicia a sua colocação na Igreja do Bom Jesus. Mas o que diz é o suficiente e temos de considerar que ainda no final do século XVII uma viagem até à Índia ou até às Américas era acontecimento que por si só fazia tudo o resto passar a segundo plano (Azevedo, 1956, p. 9).

De fato, foram poucas as palavras registradas por Ramponi acerca do mausoléu, mas temos nossas dúvidas em relação à hipótese de Azevedo de que tal desequilíbrio teria sido motivado pelo mero deslumbre com uma viagem à Índia, à África e às Américas. Nossa perspectiva parte de compreender o texto de Ramponi não como um simples relatório de prestação de contas, mas como Literatura de Viagem, nos termos da definição Fernando Cristóvão:

Por Literatura de Viagem entendemos o subgênero literário que se mantém vivo do século XV ao final do século XIX, cujos textos, de caráter compósito, entrecruzam Literatura com História e Antropologia, indo buscar à viagem real ou imaginária (por mar, terra e ar) temas, motivos e formas (Cristóvão, 2002, p. 35).

¹ Defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e de Design da Universidade de São Paulo em 28 de novembro de 2025 sob a orientação da Prof.^a Dra. Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno e supervisão no exterior do Prof. Dr. Rafael de Faria Domingues Moreira.

É nessa dimensão da viagem enquanto deslocamento, como destaca o autor, que o fenômeno da mundialização nos parece estar exposto de maneira mais imediata nesses relatos. Podemos citar alguns exemplos *en passant*: o relato de William Dampier, um viajante inglês, nos indica uma conexão entre Salvador e o leste asiático; enquanto o texto do francês Amédée-François Frézier conectou a mesma paisagem à América Andina. Por sua vez, o médico francês Charles Dellon conecta Salvador à Província do Norte e à Capital do Estado da Índia Portuguesa, Goa, que se conecta a Salvador também através do célebre relato de François Pyrard de Laval, que conecta essas duas capitais também a regiões como as Molucas, Malaca e Bengala. Todos estes relatos, ainda, conectaram as histórias dessas paisagens à Europa, ponto de chegada e partida de suas viagens, onde seus relatos viriam a circular através de editores e livreiros para depositarem-se em bibliotecas públicas e particulares. Em resumo, os deslocamentos registrados por esses relatos apresentam-se como fios que percorrem o mundo para emaranhar-se nas paisagens por onde passam, constituindo não só uma rede de conexões entre esses sítios, como também uma trama composta a muitos fios, fruto de muitos movimentos e itinerários que configuram o que entendemos por paisagens de uma mundialização.

No que toca o relato da viagem de Francesco Ramponi, ressaltamos aqui a conexão que se faz entre as paisagens de Moçambique, Goa e Salvador, mas não podemos ignorar uma série de outras localidades mencionadas no texto do viajante italiano. A viagem se inicia em Florença em 29 de outubro de 1697, passando ao longo do Mediterrâneo por Livorno, Gênova, Finale, Maiorca, Alicante, Cartagena, Almeria, Castell de Ferro, Málaga, Roche, Marbella, Estepona, Gibraltar e Cádiz, para só em 12 de março do ano seguinte atingir Lisboa; mais de 4 meses depois.

O autor não se demora na capital lusitana, partindo em direção às chamadas Índias Orientais 12 dias após sua chegada, em 24 de março de 1698, embarcado numa frota liderada pelo navio-almirante S. Pedro Gonçalves, que levava, entre outras coisas que adiante mencionaremos, o recém nomeado vice-Rei do Estado da Índia, António Luís Gonçalves da Câmara Coutinho — que havia sido Governador Geral do Brasil naquela mesma década. Partiram naquele dia um total de vinte naus, das quais 17 tinham como destino o Brasil e apenas três seguiram viagem para o Índico. Diferente da navegação de cabotagem que caracterizou o relato da viagem até este ponto, cujo registro dos dias é feito a cada lançar de ferros pelos portos mediterrâneos, a navegação pelo Atlântico é apresentada no relato de Ramponi em função de outros elementos: as tempestades, os ventos, as correntes marítimas, a fauna marinha, o encontro com uma embarcação portuguesa que partira de Angola carregada de escravizados rumo à Bahia, um ou outro dado geográfico que se podia tomar da difícil viagem que durou, de Lisboa a Moçambique, exatamente 4 meses — menos tempo do que de Livorno a Lisboa!

Não são poucas as mortes registradas na navegação atlântica, sobretudo de marinheiros e soldados, que iam embarcados em maior número, mas também alguns religiosos, fidalgos, um negro e até um cão de caça, que havia sido enviado desde Lisboa como presente ao governador de Moçambique, mas caiu ao mar. Assim, das 516 pessoas que haviam embarcado em Lisboa, 43 morreram antes de chegar à costa oriental africana; sem falar dos muitos outros que adoeceram, como o próprio autor. Com esse mesmo tom e elementos o autor descreverá também a navegação de Moçambique a Goa e de Goa a Salvador; dados apresentados extensamente e que em nada parecem dizer respeito à ereção do Mausoléu. Seguimos em nossa leitura do texto adiante.

Do ponto de vista de nosso objeto, isto é, a relação entre as paisagens e a mundialização, seria demasiado simplista alegar as relações entre todas essas localidades através dos deslocamentos

de tão poucos viajantes que mencionei. Por isso, convém adentrar numa segunda dimensão desses relatos: nas palavras de Cristóvão, a recorrente “descrição da terra, fauna, flora, minerais, usos, costumes, crenças e formas de organização dos povos, comércio, organização militar, ciências e artes” (Cristóvão, 2002, p. 35), coincidentemente ou não, os mesmos elementos que de maneira complexa e solidária entendemos por paisagem, e que Ramponi evoca ao descrever Moçambique, Goa e Salvador. Assim, seja no registro de seu itinerário, seja no registro desses elementos que elencamos, formalmente, o *Racconto del Viaggio* de Ramponi nos parece bom exemplo do gênero definido por Cristóvão sob a alcunha de Literatura de Viagem.

Voltemos, portanto, a adentrar no relato. Algumas particularidades do texto de Ramponi acerca das paisagens nos chamam a atenção: são, inevitavelmente, paisagens pouco escavadas, conhecidas ao longo de estadias muito curtas que caracterizam a generalidade dos relatos de viajantes: doze dias em Moçambique; três meses e uma semana em Goa; e dois meses e três semanas em Salvador. Mas, se sua permanência em Goa era esperada e justificada em razão de seu trabalho, em Moçambique e Salvador seu desembarque se deu por uma curiosa coincidência: o autor teria adoecido na véspera da chegada às duas cidades, justificando, assim, sua estadia em ambas.

Pelo azar ou pela sorte, ao desembarcar em Moçambique e em Salvador Ramponi revela um dado central para nós: duas paisagens nas quais o tema da escravidão é simplesmente incontornável. De Moçambique não resta dúvida de seu caráter como centro exportador de escravos que abastecia, entre outras partes, a capital do Estado da Índia:

Os Europeus, gentios e outras nacionalidades estabeleceram-se aqui por causa do comércio dos negros que são mandados da Etiópia para serem vendidos. Os Macuas andam sempre em luta com os outros nativos seus vizinhos, para disputarem quem será vendido às caravanas de navios que em seguida os transportam para várias partes, especialmente para Goa. Com exceção daqueles que por bom favor de seus patrões são libertados, todos os negros são escravos e são vendidos no mercado, seguindo depois para os navios que vêm de Portugal e de outros sítios (Ramponi apud. Azevedo, 1956, p. 24).

Na própria frota na qual seguiu viagem nosso protagonista de Moçambique a Goa, teriam embarcado trezentos e dez negros (Ramponi apud. Azevedo, 1956, p. 25). Salvador, por sua vez, era a outra ponta desse negócio, embora não importasse seus escravizados através de Moçambique, como o fazia Goa, mas com a costa africana banhada pelo Atlântico, como acima aludimos rapidamente ao mencionar o encontro da carreira que levava Ramponi à Índia com um navio negreiro saído de Angola com destino à Bahía.

A quantidade de negros que há nesta cidade [de Salvador] é incrível, e os navios vão continuamente a Angola, Sogno, Loango e São Tomé e por toda a costa de África para os comprar e vender na Baía. Depois são distribuídos por toda a América, em primeiro lugar para trabalhar nos engenhos de açúcar, mas também na cultura do tabaco e nas minas de ouro. Fazem-nos seguir igualmente para as Índias Espanholas, onde os vendem a 400 e 500 peças de oito cada um (Ramponi apud. Azevedo, 1956, p. 37).

Não é novidade alguma que basicamente todas as atividades produtivas da Bahia, descritas com atenção por Ramponi, eram desempenhadas por escravizados: obtenção e tratamento do tabaco, açúcar, óleo de baleia e farinha de mandioca seriam as principais atividades onde essa mão de obra era empregada, mas também na manutenção do funcionamento da cidade e do porto, como no abastecimento de água e lenha, na extração de madeiras para o reparo de embarcações e no transporte de mercadorias entre a cidade alta e a cidade baixa através de um guindaste ou montacargas — que, devemos dizer, é das estruturas mais encantadoras aos viajantes que conheceram Salvador, que muita tinta gastaram a descrever tal engenhoca.

Não só as mercadorias e produtos eram transportados por escravizados, mas também a fidalguia e classes abastadas de mercadores de diferentes origens, que repousavam sobre palanquins e serpentinas ou sob os sombreiros cuja tradição remonta pelo menos alguns séculos entre os grandes mercadores árabes. No interior dos palanquins de Moçambique, esteiras ornamentadas e almofadas produzidas por homens e mulheres nativos com matéria prima local de origem vegetal acomodavam os mercadores e ricos que se faziam transportar.

Nos é fundamental notar aqui que Ramponi vai além: ademais do regime de servidão tão recorrentemente registrado nos relatos de viajantes (mesmo nos mais sensíveis, como o de Frèzier, que condena a crueldade portuguesa contra estes homens e mulheres), registra também as características de suas vestimentas e joias, elementos que caracterizavam sua posição social, seja dentro do regime de escravidão ou de liberdade; menciona seus lugares de residência, sempre no térreo das casas nas três cidades, embora cada uma tivesse tipologias próprias de habitação, mas sempre com a distribuição dos escravizados nos térreos e os senhores nos pisos superiores. Também são descritas sua alimentação e, finalmente, suas práticas cotidianas, como o chamado “jogo de bambu” em Goa ou a “cacciaporra” em Salvador (capoeira?), além das danças que animavam a cidade em ocasiões especiais, praticadas não só pelos escravizados como também pelos povos indígenas americanos que coabitavam Salvador.

Chamados por Ramponi como caboclos, estes últimos são representados, à semelhança de todos os outros homens e mulheres pintados por Ramponi, em corpos idealizados, claramente parte de um repertório visual europeu — não só em razão da pena de quem os desenhou, mas também para os olhos que viriam a apreciá-los. Tal idealização aproxima formalmente europeus, americanos, asiáticos e africanos, restando para distingui-los a indumentária, os acessórios, o modo de se adornar e pentear os cabelos, e nossa imaginação, que segue intuindo que as aquarelas reproduzidas em tons de cinza nas edições preparadas no século passado por Sir Bruce Ingram (*Illustrated London New*, 1954) e Carlos de Azevedo (1956) provavelmente esconderam outro nível de diferenciação entre todos estes personagens: a cor.

É evidente que Ramponi foi atento às pessoas que habitavam as três paisagens em questão além dos colonizadores. Em seu relato, os portugueses tornam-se mais um ator entre tantos outros que compunham as sociedades goesa, moçambicana e soteropolitana, expressão da diversidade de agentes que atuaram no cotidiano do Império como um todo, a despeito da incapacidade destas aquarelas em demonstrar tal pluralidade quando desacompanhadas de seu texto.

Finalmente, gostaria de chamar a atenção a outro aspecto central no texto de Ramponi, e que talvez explique, em grande medida, o caráter de sua viagem. Trata-se de uma descrição cuidadosa de uma série de vegetais (entre frutos e árvores). A lista mais extensa refere-se à sua estadia em Goa, na qual descreve o ananás (para nós, abacaxi), manga, carambola, giamba, papaia (ou mamão), árvore-de-gralha, pêra, banana, carandá, atas, canela, pimenta e, com riqueza de

detalhes, os cocos, o fruto que com enorme frequência é referido pelos viajantes como o maior rendimento das terras de Goa. Os coqueiros goeses são destacados por Pyrard, Dellon, Ramponi e Linschoten, tendo o viajante neerlandês oferecido preciosas gravuras demonstrando seu cultivo pelos Canarins, uma etnia nativa de Goa que também toma alguns parágrafos no relato de Ramponi. O autor menciona que estes homens e mulheres habitavam aldeias na Ilha de Tiswadi e arredores, com especial ênfase às margens do Rio Mandovi, representado também em uma singela planta pelo artista italiano:

O rio Mandovi é largo, tendo nas partes mais estreitas cerca de $\frac{1}{4}$ de milha, e também nele se sentem as marés cada seis horas. Nas suas margens há várias aldeias e povoações de casas feitas de terra e cobertas de folhas e ramos de palmeira em forma de pirâmides como protecção contra a chuva e o calor. Nessas casas habitam os gentios e idólatras, e vivem numa aldeia os que adoram as plantas ou o Sol, noutra os que adoram o fogo, e numa outra adoram animais quadrúpedes e pássaros; na verdade, há aí muitas raças de idólatras e cada uma habita na sua aldeia, seguindo o seu culto próprio. As ditas aldeias são quase todas cercadas de palmares que produzem cocos ou, como nós dizemos, nozes da Índia; mais adiante falarei ainda deste fruto (Ramponi apud. Azevedo, 1956, p. 26).

Alguns dos frutos presentes em Goa serão mencionados também quando da descrição de Salvador, sinal de um trânsito de espécies que mais uma vez aproximou as duas capitais ultramarinas portuguesas. Alguns animais também chegam a ser mencionados, embora com muito menos ênfase. Esse protagonismo da flora dado pelo viajante pode ser reenquadrado à luz de alguns trechos do texto, especialmente à saída de Goa e Salvador:

Tendo feito as incumbências de que me havia encarregado S.A.S., como sejam, obter sementes e plantas, frutos e flores, animais e diversas qualidades de arroz, no dia 20 de Dezembro de 1698 embarquei no mesmo navio S. Pedro Gonçalves, que estava ancorado à entrada da barra de Goa e na qual embarcou o Sr. Conde de Vila Verde, ex-vice-rei, acompanhado de toda a sua gente. Os oficiais do navio eram os mesmos e com os marinheiros, soldados e gentios, éramos duzentas e oito pessoas (Ramponi apud. Azevedo, 1956, p. 32).

Depois de me ter fornecido de árvores de fruto daquelas paragens, de “guiacus”, periquitos e saguis para S.A.S., no dia 12 de Julho de 1699 embarquei no mesmo navio onde seguia também o Sr. Conde de Vila Verde com os mesmos oficiais; mas eram outros marinheiros e outros soldados e ao todo éramos quatrocentas e trinta e cinco pessoas (Ramponi apud. Azevedo, 1956, p. 39).

Ou seja, além da ereção do mausoléu, o artista informa que foi designado a reunir ao grão-duque espécies animais e vegetais de Goa e de Salvador, estabelecendo possivelmente uma relação entre

as cuidadosas descrições que faz das espécies goesas e baianas com esta coleção que entrega ao grão-duque quando de seu retorno à Itália:

No dia 4 de Fevereiro parti de Génova na fálua do patrão- Tarabotto, chegando a Sestri pela noite. A 7 fui a Lerici, no dia 8 a Viareggio, chegando à noite a Livorno, nesse ano de 1700. Ali encontrei o Sereníssimo Príncipe Fernando, que deu ordem ao capitão de porto para eu ir imediatamente à câmara de audiências, o que fiz cerca das 13 horas. Lá encontrei Sua Eminência o Cardeal Francesco, a quem dei uma breve relação da minha viagem nas três horas que ali permaneci. Mandaram-me depois a Pisa, onde encontrei S.A.S., que me reteve até ao dia 24, **durante o qual entreguei as plantas, sementes, arroz e animais** e também fiz um relato de toda a viagem empreendida para glória de Deus e de S. Francisco Xavier (Ramponi apud. Azevedo, 1956, p. 41).

Para a glória de Deus e de São Francisco Xavier ou não, Ramponi não deixa dúvidas do interesse da casa de Medici na viagem do artista, dando o autor a entender que teria passado algo em torno de quinze dias em audiências com o grão-duque após seu retorno à Itália. Se houve de fato tamanho interesse por parte de Cosimo III em ouvir Ramponi, e este, de fato relatou **toda** a viagem, conforme afirma, a nobreza florentina parecia ter muito a tratar com o artista — que certamente não se resumia à ereção do mausoléu.

Diferentemente do que afirma Azevedo, não acreditamos que a “relazione” à qual faz menção Ramponi seja a mesma que ora se apresenta em forma de relato de viagem, tendo em vista que o diário faz menções a eventos posteriores a este encontro com o Grão-Duque. Ainda assim, nos parece factível que os dois textos (se é que a tal *relazione* foi feita em texto e não oralmente) possuam alguma semelhança em conteúdo.

Dado este contexto de produção do Diário, nos parece pertinente enquadrar o texto de Ramponi para além das recorrentes suspeitas de ingenuidade, inveracidade ou imaginabilidade que rondam com frequência a Literatura de Viagem. Mais do que um mero texto panfletário (como muitos de fato o são), o relato da viagem do artista pode ser tido como um encontro entre a Literatura e a documentação de Estado, esta com feições de relatório técnico, cujo cuidado com as informações náuticas, monetárias e jurídicas por parte do autor reforçam nosso argumento.

Em outras palavras, o *Racconto del Viaggio dell'Indie Orientali e Occidentali* se apresenta para nós como um documento que em seu tempo foi dotado de potencial em orientar políticas e ações do Grão-Ducado Toscano, cujas relações diplomáticas com a Coroa Portuguesa já foram atentamente descritas por Carlos de Azevedo e merecem ainda maior visibilidade, em vias de consolidar o conhecimento que temos deste e de outros documentos que se depositam hoje, em originais e em cópias, nos arquivos italianos. Do ponto de vista historiográfico, por outro lado, reafirmamos o papel fundamental deste documento em nos permitir seguir pensando em que medida paisagens como as de Moçambique, Goa e Salvador, participaram do processo de mundialização não como mero coadjuvantes ou pano de fundo, mas como lugar de promoção da uma complexa trama de relações que se estabeleceu no curso do colonialismo ibérico e que se impregnou, dos modos como pôde, também a trama dos papéis.

Referências

AZEVEDO, Carlos de. **Um artista italiano em Goa**: Placido Francesco Ramponi e o túmulo de S. Fr.º Xavier. Lisboa : Junta das Missões Geográficas e de Investigações do Ultramar, 1956. 42 p. a 2 coln. : il., fac-sim. ; 25 cm. [Separata da Revista Garcia da Orta, Índia Portuguesa (número especial), 1956].

BUENO, B. P. S.; BARRETO, A. P. .; DIAS, G. S. Cultura material e práticas sociais no Caminho do Viamão: paisagens toponímicas, arqueologia do cotidiano das viagens, perfil e bagagem dos tropeiros (séculos XVIII e XIX). **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, [S. l.], v. 29, p. 1-87, 2021. DOI: 10.1590/1982-02672021v29d1e18.

ILLUSTRATED LONDON NEW. The People and Customs of Goa as Described in a hitherto unpublished seventeenth-century manuscript. **Illustrated London New**. Londres, 11 Set. 1954, p. 26-27.

SODINI, Carla. **I Medici e le Indie Orientali**: Il diario di viaggio di Placido Ramponi emissario in India per conto di Cosimo III. Olschki, 1996. 120 p.